

O pioneirismo mais que necessário: a história da mulher que abre caminhos e fortalece outros passos

Mara Jane Contrera Malacrida

<https://orcid.org/0000-0002-1157-6799>

Marina Mitiyo Yamamoto

<https://orcid.org/0000-0002-2908-0070>

Introdução: O outro lado da janela

Ano de 2022, século XXI. A luta pela igualdade racial e de gênero está presente em todas as pautas da sociedade, e, assim, neste ambiente, eu assisto ao interessante acontecimento da eleição da primeira mulher a assumir o cargo de chefe do Departamento de Contabilidade e Atuária da FEA-USP em São Paulo. Algumas vezes, eu me perguntava quando este fato se concretizaria, uma vez que, em outros departamentos, como no caso do de administração e economia, mulheres haviam assumido esta posição já no século passado, há pelo menos 25 anos.

Devo parabenizar a professora Mara Jane Contrera Malacrida por mais esta conquista em sua jornada de vida! Batalhadora, guerreira e pioneira neste feito e em tantos outros que serão relatados aqui por ela mesma.

Eu a conheci quando Mara foi minha aluna de graduação, em 1998. Nesta ocasião, boa aluna que é, ela logo se destacou e começou a mostrar interesse em adquirir outras experiências, além da sala de aula; por isso, eu a convidei para desenvolver um projeto de iniciação científica e atuar como monitora em treinamentos de cursos de contabilidade. Desde então, a sua permanência no ambiente acadêmico – experiência riquíssima, que deveria ser oferecida a todos os alunos que estivessem dispostos, acredito – despertou a sua vontade de atuar na docência.

Cursou o mestrado e o doutorado, tornou-se uma consultora altamente qualificada e docente do Departamento de Contabilidade e Atuária da FEA-USP.

Foi convidada a ocupar o cargo de diretora financeira da USP, a maior universidade da América Latina, o que equivale muito mais do que a posição de CFO em qualquer multinacional. Ressalta-se o fato de ela ser a primeira mulher na USP a ocupar esse cargo.

A batalha é árdua. O caminho apresenta muitos obstáculos; ao longo dele, presenciei choros, indignações e frustrações, algumas das quais vivenciamos juntas. Muitas noites de dedicação ao trabalho, em detrimento de obrigações ainda classificadas como femininas: cuidar de casa e dos filhos, fazer compras no supermercado, entre tantas tarefas que a sociedade ainda nos cobra. E conviver com aquele sentimento de culpa que sempre nos visita, principalmente quando nossas iniciativas são obstruídas, e não são poucas as vezes em que isso acontece. Quando as consideramos injustas, então, repensamos se estamos no caminho certo. Precisamos sempre provar que somos capazes, para nós mesmas e para os outros, e mais capazes do que os homens, porque, afinal, na maioria das vezes, nossa capacidade ainda é julgada preponderantemente pelo sexo masculino. Esse contexto tem-se modificado, é verdade, mas ainda precisamos caminhar muito mais neste quesito.

Editado em Português e Inglês. Versão original em Português.

Recebido em 30/1/2023. Aceito em 9/2/2023 por Gerlando Augusto Sampaio Franco de Lima, Doutor (Editor). Publicado em 31/3/23.

Organização responsável pelo periódico: Abracicon.

Hoje somos colegas de profissão e nos tornamos amigas. O fato de ter conquistado uma verdadeira amiga de profissão me deixa muito feliz, porque podemos compartilhar dúvidas sobre nossas vidas pessoais, filhos, roupas, viagens e outras, e também sobre normas contábeis, conteúdo de aulas, exercícios e tantos desafios profissionais que se apresentam no nosso dia a dia.

Tenho muito orgulho de perceber e acompanhar a evolução daquela minha aluna de graduação de 20 anos atrás e sua transformação em uma profissional do mais alto gabarito, para ninguém colocar defeito. Também não posso deixar passar a oportunidade de mencionar que a minha escolha pela carreira docente valeu a pena pelas Maras que eu encontrei pelo caminho e que, com certeza, estão brilhando com suas escolhas, assim como, daqui a alguns anos, a professora Mara se sentirá altamente gratificada pela sua escolha, se é que já não possui este sentimento.

A seguir, a professora Mara conta um pouco da sua história, que, como tantas outras, pode servir de motivação para vocês não desistirem dos seus ideais, por mais longe que eles se apresentem hoje.

“As pessoas não fracassam, elas desistem.” (Henry Ford)

Breve relato de uma vida: o outro lado do espelho

Nasci e cresci em uma pequena cidade do interior do Estado de São Paulo, chamada Fernando Prestes. Filha de pai agricultor (e músico amador por dom) e mãe professora primária, morei até os 14 anos na zona rural, em um sítio que pertencia ao meu avô e que até hoje pertence à minha família. Sempre gostei de estudar; no entanto, precisei esperar até completar 7 anos para poder ir para a escola, pois, na escola rural que ficava perto do sítio onde morávamos, os estudos só podiam ser iniciados na antiga primeira série para quem tinha 7 anos completos ou para quem iria completar 7 anos até a metade do ano. Como faço aniversário em fevereiro, ingressei com 7 anos completos, e ia para a escola com minha mãe e meu irmão mais velho. Nessa escola rural, fiz apenas a minha terceira série, juntamente com meu irmão mais novo e um primo. Todas as demais séries estudei na sede do município e, para tanto, dependíamos de transporte escolar da prefeitura, que ia buscar e levar os alunos que moravam na zona rural do município. Nos dias de chuva, era uma lama só, mas ir para a escola era uma experiência incrível!

Sou a única mulher entre os quatro filhos que meus pais tiveram e, desde pequena, ajudava minha mãe em casa, nas tarefas que eram consideradas “de mulher”. No período de férias, meus irmãos, primos e eu ajudávamos nossos pais na roça. Apesar do trabalho duro e cansativo, sempre tínhamos a proteção e o cuidado deles. Não nos sentíamos explorados, e nenhum de nós carrega trauma desta época. Trabalhar na roça ajudando meus pais contribuiu na formação do meu caráter, no mais positivo dos sentidos. No sítio em que morávamos, havia um açude de água muito limpa (uma mina linda que brotava do chão) que era nossa diversão. Todos os dias, após o trabalho, íamos nadar. Lá, aprendemos a nadar usando o tronco (caule) de bananeira.

Esse trabalho duro e cansativo me estimulava a estudar ainda mais. Apesar de ter sido positivo para a minha formação como ser humano, o trabalho na roça não era algo que eu vislumbrava para o meu futuro. Sempre fui boa aluna, sempre me cobrei muito e sempre queria tirar a nota máxima! Apesar de boa aluna, nunca fui muito quieta na sala de aula. Eu tirava boas notas, mas era da “turma da bagunça”, o que, de vez em quando, gerava algum estresse com minha mãe, que era professora na mesma escola. Como a cidade era pequena e havia apenas uma escola, a turma ia toda junta, da primeira série até o terceiro colegial. Ricos e pobres iam para a mesma escola, o que me ensinou a lidar com a diversidade.

Quando completei 14 anos, meus pais construíram uma casa na sede do município, onde moram até hoje, e nos mudamos para a cidade. A partir de então, a escola era mais perto, uma caminhada de oito quarteirões. Isso me permitiu fazer o colegial, já que, em Fernando Prestes, só havia colegial no período noturno, e não era oferecido transporte para os estudantes da zona rural.

Concomitantemente ao colegial (que hoje se chama ensino médio), cursei o antigo magistério (por vontade da minha mãe). O magistério, hoje extinto, era uma alternativa ao colegial, que permitia aos recém-formados dar aulas para as crianças entre a primeira e a quarta séries. Naquela época, dar aulas para crianças também era uma atividade considerada feminina; sendo assim, éramos todas mulheres na turma. Apesar de eu ter iniciado o magistério para atender a um desejo da minha mãe, acabei me interessando muito pelas técnicas de ensinar, o que me é útil até hoje, dado que optei pela carreira de professora universitária. Nesta época, dos 15 aos 17 anos, eu estudava à tarde (magistério) e à noite (colegial), e ainda ajudava minha mãe nas tarefas de casa, já que eu era a outra mulher em nossa casa. Sempre fui muito dedicada e tive a honra de receber vários prêmios por desempenho escolar durante minha vida, e tinha o sonho de ir para a universidade.

Ao terminar o colegial, prestei Fuvest pela primeira vez e ingressei na USP Ribeirão Preto para fazer o curso de Química; no entanto, acabei desistindo do curso. A Química, como ciência, é linda, mas eu não me via fazendo aquilo a vida toda. Hoje, passados tantos anos, aprendi que desistir rápido daquilo que não se quer tem muito valor no futuro. O tempo é escasso e só faz sentido aplicá-lo naquilo que realmente nos importa e nos interessa. No ano seguinte, prestei Fuvest novamente e descobri que estava grávida do meu primeiro filho, o que me fez postergar meus estudos, mas não desistir. Casei-me aos 20 anos, e continuamos casados depois de 27 anos; após o nascimento do meu filho, voltei a estudar. Com uma família para cuidar, as coisas ficaram um pouco mais difíceis, mas tive muito apoio da minha família e, o mais importante, nunca me preendi às dificuldades, e sim aos meus objetivos.

Prestei Fuvest novamente e, desta vez, tinha mais certeza: seria para Ciências Contábeis. Lembro-me da cara do meu marido quando eu disse a ele que eu faria Contabilidade, depois de ter iniciado o curso de Química e prestado vestibular, no ano anterior, para Letras. Talvez parecesse a todos que eu desistiria de mais um curso, mas eu tinha uma convicção interior muito grande. Como comentei, morávamos na roça e meu pai era agricultor e com pouca instrução formal, apesar da imensa sabedoria de vida que ele sempre teve. Ainda menina, eu me lembro de ajudá-lo no controle das contas, no estoque (claro que não usávamos esse nome) e no rendimento da produção. Ainda sem saber, eu já tinha dentro de mim uma “protocontadora”. Quando fui aprovada em Ciências Contábeis na FEA/USP, a alegria foi imensa – e ainda permanece viva em mim.

No meu primeiro semestre, tive aula de Contabilidade Introdutória com João Domiraci Paccez, o melhor professor que alguém pode ter. Quem o conhece sabe exatamente do que estou falando. Impossível não se encantar com a Contabilidade depois de ter aula com ele. Hoje somos mais que colegas no Departamento de Contabilidade e Ciências Atuariais; o professor Joãozinho, como é carinhosamente chamado, é um grande amigo e uma grande inspiração!

O professor Joãozinho criou uma legião de fãs da Contabilidade – assunto que alguns podem julgar árido, mas que, quando ensinado por ele, torna-se o paraíso, acreditem. Como faz diferença na vida dos jovens estudantes ter mentores como o prof. Joãozinho! Hoje eu tenho a honra de ser uma das responsáveis pelo curso de Contabilidade Introdutória (juntamente com o prof. Joãozinho), pois sei que, nessas disciplinas iniciais, é possível despertar a paixão pela Contabilidade, como aconteceu comigo em 1997. Identifiquei-me plenamente com o curso e tenho orgulho em dizer que SOU CONTADORA e PROFESSORA!

Durante a graduação, fiz iniciação científica com a professora Marina Mitiyo Yamamoto, grande amiga e apoiadora da minha carreira; durante esse período, decidi fazer mestrado. Fiz graduação no período noturno, na época com duração de cinco anos, e terminei como a aluna com a maior média ponderada entre todos os formandos do ano de 2001! Sou muito orgulhosa deste feito! Eu já era mãe de dois meninos e, acreditem, muitos ficaram surpresos. “Como era possível ser mãe e melhor aluna?”, pensavam.

Além de decidir fazer o mestrado, decidi também ter o segundo filho, e iniciei o mestrado em 2002, quando era mãe de um bebê de apenas 1 aninho. Eu me lembro como se fosse hoje quando disse à professora Marina (posteriormente minha orientadora de mestrado e doutorado) que ia ter meu segundo filho e que ele cresceria enquanto eu estudava. Ela, espontaneamente, perguntou se eu estava “louca”. Hoje as memórias daquela época rendem boas risadas nas inúmeras conversas que tenho com minha amiga Marina. Mesmo assim, passada a tempestade, posso dizer que ela estava certa. Conclui o mestrado em 2004. Foi exaustivo, mas estava feito.

Dado o processo estressante do mestrado, decidi que não iria fazer o doutorado. No entanto, foi a vez de um grande amigo me convencer a seguir. Assim, Gerlando, hoje professor na Universidade de Illinois nos Estados Unidos, e eu decidimos estudar juntos para realizar o processo seletivo para ingresso no doutorado. Além disso, o amor pela Contabilidade também falou mais alto. Deu certo e lá fomos nós! Turma de Doutorado 2006. Posso dizer, deixando a modéstia ao lado, que fizemos parte de uma das melhores turmas que o departamento já teve. Muitos de nós nos tornamos professores da USP ou de outras instituições de destaque no Brasil e no mundo.

Tornei-me professora na FEA em 2010; prestei dois concursos, com êxito no segundo, realizado em setembro de 2009. Durante essa caminhada, fiz amigos que foram importantes para que passasse pelos percalços da vida e chegasse até aqui.

Dois anos após meu ingresso, tornei-me vice-coordenadora do curso de Ciências Contábeis e Atuariais e passei a me envolver cada vez mais nas atividades acadêmicas e administrativas. Em 2016, assumi a Presidência da Comissão de Graduação da FEA e, como tal, passei a fazer parte do Conselho de Graduação da USP, o que me possibilitou ampliar meu conhecimento e minhas amizades na universidade. Durante esse período, tive a oportunidade de participar de decisões importantes, que impactariam a vida de muitas pessoas, como, por exemplo, a adoção das cotas pela Universidade de São Paulo em 2018!

Em 2018, para a minha surpresa, fui convidada pelo então Vice-Reitor, professor Antonio Carlos Hernandez, para assumir a diretoria do Departamento de Finanças da USP. Dada tamanha responsabilidade, fiquei alguns meses como assessora dele para, então, assumir a Diretoria Financeira em maio de 2019, posição que ainda ocupo, pois fui convidada a permanecer à frente do Departamento de Finanças pela nova gestão reitoral iniciada em janeiro de 2022. No período em que exerci o cargo de assessora, trabalhamos para aprimorar os mecanismos relacionados à permanência estudantil (ainda mais importante em função dos processos de inclusão).

À frente do Departamento de Finanças, tive a oportunidade de começar a “devolver” à USP um pouco do conhecimento que ali obtive desde o meu ingresso como aluna, em 1997. Já se haviam passado 22 anos! O Departamento de Finanças é responsável pela consolidação de toda execução orçamentária da USP, pelo controle dos recursos financeiros e pela contabilização e elaboração das demonstrações contábeis da universidade, ou seja, eu desempenho atividades relacionadas à minha formação profissional. Fiz muitos amigos nesse novo desafio. Digo “desafio”, pois a USP equivale a uma grande empresa com cerca de 20 mil funcionários, 100 mil alunos e um orçamento (em 2022) em torno de R\$8 bilhões.

Fui a primeira professora na história da Universidade de São Paulo a assumir o Departamento de Finanças. Assim como acontece nas grandes empresas privadas, a USP é governada por uma maioria absoluta de homens. Aos poucos, eu me apropriei desse ambiente, realizei as atividades com muita dedicação e determinação, e obtive o reconhecimento pelo trabalho realizado. Ainda há muito a ser feito e, neste momento, tenho como foco implementar um novo sistema de contabilidade (em função das novas normas contábeis aplicadas ao setor público), gerar economia com a compra de energia elétrica (por meio do Mercado Livre) e melhorar processos para aumentarmos nossa eficiência e agilidade. Como diretora financeira, precisei demonstrar que, apesar de não ser professora titular, eu tinha conhecimento e competência para assumir o cargo. Apesar de a função ser relacionada com a minha formação, muitos achavam que eu era muito nova para exercê-la.

Em 2020, no contexto da pandemia, foram muitos os desafios para o ensino e para as finanças da universidade, mas, aos poucos, todos foram superados. Já em 2022, decidi, juntamente com o professor Bruno Meirelles Salotti, concorrer à chefia do Departamento de Contabilidade e Atuária. Novos desafios e, mais uma vez, a primeira professora a assumir a chefia do Departamento de Contabilidade e Atuária da FEA/USP, depois de 76 anos de história!

A caminhada até aqui não foi fácil, mas foi rica! A universidade, assim como a sociedade, ainda alimenta estereótipos do que é ser mulher, do que é ser mãe e, enfim, do que não é usual. Quebrar esses estereótipos é parte da minha vida. Durante minha carreira acadêmica, muitas vezes provei que era tão ou mais competente do que determinados homens (professores ou não). Foi assim na minha época de aluna, quando me tornei mãe (como se não fosse possível uma pessoa ser mãe e estudante ao mesmo tempo!) e quando ingressei na USP como docente. Com o meu trabalho e dedicação, e reconhecimento pelos alunos da excelência no ensino, ganhei credibilidade para assumir disciplinas-chave na graduação e, finalmente, chegar a pós-graduação.

Sou muito grata a Universidade de São Paulo. Ingressei nela em 1997, fiz ali minha graduação, meu mestrado e meu doutorado. Meu esposo e meu filho mais velho também se graduaram na FEA/USP e meu filho caçula, vejam só, é aluno de graduação do curso de Ciências Contábeis também na FEA. Sendo mulher, sou convicta de que a vida me colocou mais obstáculos, mas não me rendi a eles. Espero que isso inspire outras mulheres. É preciso resiliência e determinação para mudarmos o mundo. O normal é a inércia, e eu sempre me posicionei como uma força contra ela. Sinto-me realizada e reconhecida nas minhas atuações como chefe do Departamento de Contabilidade e como diretora do Departamento de Finanças da USP. Ainda assim, a sala de aula é insubstituível e lá, em contato com os alunos, tenho minha realização profissional plena. Ensinar Contabilidade para os alunos ingressantes me deixa muito feliz!

Posso dizer que sou feliz pelas escolhas que fiz durante a minha vida, sinto-me realizada pessoal e profissionalmente! Não que tenha sido fácil, mas posso dizer que valeu a pena!